

AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO

«AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO»

Publicação orientadora do «Movimento dos apóstolos do Coração Imaculado de Maria para a difusão da mensagem de Fátima»

ANO VI -- N.º 25 -- MARÇO-ABRIL DE 1961

Sumário

Mais Além	2
Penitência e Oração	5
Sua Eminência e o nosso Movimento	6
O coração jubiloso de Maria	8
A tua Vida Divina	12
Convite do Santo Padre ao Episcopado	14
A mensagem de Fátima Pastoral ...	16
O realismo da mensagem de Fátima	23
Direcção Espiritual	27
Cristo ressuscitou — Aleluia	28
Nas pégadas dos mártires	29
Doze anos ao serviço da Rainha do Mundo	31

Publica-se 6 vezes por ano, com aprovação eclesiástica. Destina-se particularmente aos membros inscritos no Movimento.

DIRECTOR

P. JOSÉ ALVES

SECRETÁRIOS

Secção feminina :

Dr.^a Carolina Augusta Perez Brandão

Rua Bocage, 59, 1.º — Lisboa

Secção masculina :

Dr. Manuel Vitorino Rodrigues Teixeira

Rua dos Ferreiros à Estrela, 44 - 1.º

Lisboa

ADMINISTRADORA

D. Maria da Conceição Rodrigues

Rua Viriato, 16, 1.º — Lisboa 1

«Tudo pela grandíssima glória do nosso Pai Celeste em Jesus Cristo Nosso Senhor, por seu Divino Espírito e em união com o Santíssimo Coração de Maria»
(V. P. Libermann)

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

G. M. B.
BIBLIOTECA



MAIS ALÉM

Celebrando as Bodas de Ouro Sacerdotais de Sua Eminência, o Senhor Cardeal Patriarca

ALGUÉM escreveu esta frase curiosa, mais — significativa — dum significado profundo, sem deixar de causar, ao mesmo tempo e, com muita intensidade, vivas ressonâncias no mais íntimo da alma de quem quer que a leia; sobretudo, de quem quer que a sinta, que a viva, deixando que ela penetre e dinamize a sua existência pessoal e interpessoal; principalmente, se procura expressar, vocacionalmente, na sua vida, em toda a integridade, a riqueza do seu conteúdo humano-divino:

«É sem sentido o que não é ascensão» (A. Saint-Exupéry).
Esta, a frase.

* * *

Já há treze anos, dizia Moreira das Neves: «D. Manuel Gonçalves Cerejeira: Romeiro de Deus e seu Apóstolo, através dos caminhos da terra e das estradas do Espírito. De Braga a Coimbra para entranhar-se nas florestas da ciência; dos bancos rasos da Universidade à Cátedra da Faculdade de Letras; da cadeira de Mestre ao púlpito de Pregador; dos estrados académicos aos degraus sagrados, dos passeios da Cidade doutora às contemplações da Cidade mística; do Capelo à Púrpura — tudo nele tem sido sempre marcha vitoriosa e ascensão triunfante».

* * *

Faz cinquenta anos que Sua Eminência recebeu em Braga — 1 de Abril de 1911 — a Unção sagrada que daria o rumo definitivo à sua vida, na expressão da vocação pela qual Deus se dignou chamá-lo ao Seu serviço.

Até aqui tudo foi, evidentemente, uma ascensão progressiva, em todo o sentido da palavra e em todas as manifesta-

ções da sua vida, desde que nasceu em Lousado (Famalicão), em 29 de Novembro de 1888, passando pelo Seminário-Liceu de Guimarães, pelo Liceu Alexandre Herculano do Porto, pelo Seminário Conciliar de Braga (1906-1909), pela Faculdade de Teologia e, depois, pela de Letras, até à ascensão principal para que tudo se encaminhou, com um sentido e uma intencionalidade verdadeiramente sobrenaturais — a ascensão aos degraus do «altar de Deus que alegra a nossa juventude».

Depois de receber o santo Sacramento da Ordem, a sua vida adquiriu uma nova dimensão, que já vinha sendo preparada por todo um sentir os problemas dos homens, à luz de Deus, dimensão essa que lhe advém duma missão muito particular, missão humano-divina. «Assim como meu Pai me enviou, assim eu vos envio a vós».

Missão humana — de serviço dos outros, apontando, muito para além do humano, a salvação eterna em Deus. Salvação pela adesão a Cristo, na Fé e na Esperança, adquirindo valor eterno na Caridade — missão divina.

Isto é o sacerdócio: serviço dos homens para além do homem. «Eu vim, diz Cristo, não para ser servido, mas para servir». Isto é o sacerdócio de todos aqueles que, dentro da Santa Igreja, sentem, dum modo mais claro, o chamamento de Deus, a servir.

Esta foi a dominante, melhor, a preocupação básica de Sua Eminência, a partir, do dia em que a Unção sacerdotal o votou, para sempre, ao serviço dos outros — Unção confirmada pela Sagração episcopal e, extraordinariamente alargada pela ascensão à dignidade cardinalícia e ao sólio da Sé Patriarcal de Lisboa.

* * *

Descrever o que foi esse labor ingente, essa acção multimoda, essa preocupação constante de servir, não é fácil tarefa, além de que se torna perfeitamente inútil, pois as obras aí estão patentes a todos. O extraordinário incremento dado à formação dos sacerdotes, desde a parte de instalação até ao mais importante — a estruturação vocacional em profundidade; a atenção dispensada ao ensino religioso, em qualquer dos níveis

em que ele deve ser ministrado e dum modo competente — problema que Sua Eminência viveu, certamente, dum modo muito agudo, no contacto com as aspirações profundas e as necessidades prementes dos universitários.

Havendo tantas almas, sentindo, cada vez melhor e mais claramente, a voz de Deus, a partir do ensino religioso, chamando-as ao cumprimento da sua SS. Vontade, em todas as manifestações e expressões da vida, necessário se tornava haver lugares de culto condignos e suficientes em que essas pessoas pudessem dar largas às suas expressões religiosas, em particular e comunitariamente.

Finalmente — como num abrir da atenção para tantas e tantas outras iniciativas e realizações de Sua Eminência — a sua palavra autorizada, de viva voz ou por escrito, em momentos solenes ou na intimidade dos seus mais directos colaboradores, a sua palavra fluente e harmoniosa que é sempre a palavra oportuna, o ajustamento necessário, a confirmação esperada, o conforto revigorador, o guia seguro, o caminho certo, a palavra de ordem unificadora para todas as «ovelhas». Todas, sejam elas quais forem, mesmo daquelas que, apesar de nem sempre o dizerem, sentem uma aspiração inquietante e se encontram sequiosas «das palavras que conduzem à vida», porque são vida, reflexo que são daquele «Verbo divino em quem se encontra a Vida e que é Vida...» (Jo. 6, 69; 1,4).

* * *

Se «é sem sentido o que não é ascensão», encontra-se plenamente e profundamente vincado o sentido nobre, elevado, sobrenatural da vida inteira de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, particularmente, destes últimos cinquenta anos.

Vida em ascensão constante, sendo como foi, uma vida de inteira e total consagração a Deus, ao serviço dos homens. Vida de ascensão constante porque sempre foi uma aspiração a mais e melhor, no sentido de mais e melhor glorificar a Deus pela salvação das almas.

Vocação sublime, extraordinariamente vivida.

M. S.

PENITÊNCIA, ORAÇÃO

«Os Corações de Jesus e de Maria estão atentos à voz das vossas súplicas.»

(1.^a Aparição do Anjo)

«Para a impedir (a guerra) virei pedir a consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração e a Comunhão Reparadora nos primeiros sábados.

Se atenderem a meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados; o Santo Padre terá muito que sofrer. Várias nações serão aniquiladas. Por fim o meu Imaculado Coração triunfará.»

(Aparição de 13 de Julho)

«Eu sou a Senhora do Rosário». (13 de Outubro)

«Não se deve esquecer que esta consagração do Rosário está na linha tradicional da mariologia cristã: Foram as cruzadas do Rosário que salvaram a Cristandade ameaçada.

Mais de 15 estrepitosas vitórias sobre os inimigos da Igreja, registam os fastos históricos do Rosário: em Muret, contra os albigenses, a 12 de Setembro de 1213; no golfo de Lepanto, contra os turcos, em 1571; em La Rochelle; em S. Gotardo; em Choezim; em Viena de Áustria; em Nenhasel; em Budapeste; em Mòaco; no Zenta; em Petervardino, onde também esteve presente o concurso naval português; em Temesvar; em Corfú; em Belgrado; em Turim, em Fontainebleau — para só citar as principais

A excelência e eficácia do Rosário vem-lhe de que, atendendo bem na sua natureza e no seu processo — o Rosário é sempre a oração meditada e a meditação orada sobre toda a vida de Cristo, nos seus mistérios, nos seus exemplos e na sua doutrina...»

(Fátima, as suas provas e seus problemas)

TENHO por verdadeiramente providencial o «Movimento dos Apóstolos do Imaculado Coração de Maria». Surgiu, em Portugal, quase ao mesmo tempo que, lá fora, outros similares. A coincidência significa que resulta de uma necessidade comum. E esta necessidade é o Espírito Santo, o qual «renova a face da terra», que a faz sentir nas almas e inspira as suas respostas.

Neste nosso mundo em que o espírito do mal se ostenta já sem véus e tantos que se dizem cristãos se deixam guiar por ele — misturando, frequentemente, as práticas cristãs com hábitos de vida pagã — torna-se necessário cultivar, desenvolver e propagar um **clima heróico** de vida cristã. Quero dizer, o Evangelho vivido na vida toda, plenamente.

À caricatura de cristãos, que vivem como se o não foram, habitualmente em pecado (e assim inimigos de Deus!), — pelo menos desinteressados do reino de Deus — urge, instantemente, opor o testemunho vivo, único, activo, de cristãos autênticos, discípulos ardentes de Cristo, filhos generosos da Igreja, templos do Espírito Santo.



O Movimento dos Apóstolos do Imaculado Coração de Maria nasceu, em Portugal, como uma **resposta ao Apelo de Nossa Senhora em Fátima**. Ali se manifestou o Coração Imaculado de Maria, para reconduzir os homens ao coração de seu Divino Filho e, por Este, à Santíssima Trindade. A mensagem de Fátima resume-se nisto: a realização do Evangelho na nossa vida. Viver como cristãos, na graça de Deus. «Não ofendam mais a Nosso Senhor!»

Os apóstolos do Imaculado Coração de Maria consagram-se a Nossa Senhora, para cooperarem com Ela na cristianização do mundo. Assumem a sua parte nesta cruzada pregada

SUA EMI
E O NOSSO

N Ê N C I A

M O V I M E N T O

pela Virginal Mãe de Deus.. E começam a realizá-la por uma vida cristã sincera, fervorosa, pura, forte.

Viver, habitualmente, na graça de Deus, na obediência ao Espírito Santo presente na Santa Igreja, eis a condição primeira de sua ascese e mística. Vida, pois, de oração e penitência, sobretudo a penitência exigida para a prática das virtudes cristãs, no quadro concreto da sua situação e deveres de estado.

Viver à imitação da Santíssima Virgem, templo do Espírito Santo, Mãe do Salvador — no amor de Deus, no culto da pureza, no serviço da Igreja.



Movimento se chama, para exprimir que não tem muros que o separem de quaisquer outras associações. Tem mais de espírito que de organização. Tão largo como o campo da Igreja.

A alguns parecerá fraqueza esta falta de estrutura orgânica. E está nela a sua originalidade e força. Quer ser tão livre, e tão amplo, como o apelo de Fátima, dirigido a todos. Entra, como um fermento, em todas as obras, sem desvirtuar dos seus fins e métodos nenhuma.

O seu espírito é o que vem de Fátima: o espírito santificador e renovador. Veio-nos por intermédio do Coração Imaculado de Maria. Mas é o mesmo Espírito de Jesus Cristo, aquele que sopra sempre na Igreja, Espírito de vida, Espírito de Santidade, Espírito de força.

Que sobre o Movimento dos Apóstolos do Imaculado Coração de Maria caiam abundantes bênçãos de Deus!

+ M. Card. Patriarca

O tempo Pascal chama-nos, insistentemente, à contemplação e participação do júbilo

O CORAÇÃO JUR

e alegria que enche o Coração da excelsa Mãe de Deus e nossa. Toda a Liturgia está impregnada desta ideia: «Rainha dos céus, alegrai-vos, aleluia... Alegrai-vos e regozijai-vos, Virgem, Maria, aleluia...» E o motivo supremo é a «Santa Ressurreição de Cristo». Estamos em presença de mais um dos grandes segredos íntimos desta Obra-prima do Divino Espírito Santo que é o Coração da Mãe de Jesus e Mãe dos homens, fonte a causa da nossa alegria e portadora da felicidade eterna para toda a humanidade.

Aquele cuja presença nas almas produz nelas o gozo e o contentamento, fez de Maria uma Primavera Celeste, a autêntica Bem-aventurança personificada.

A Sagrada Liturgia no-la apresenta como a «Felicíssima Maria», a «Virgem gloriosíssima, o «Candor da Luz eterna». Compreende-se porquê: Transparência de Deus, Ostensório vivo de Cristo, Ela projecta, sobre o mundo, o amor quente e bemfazejo do Deus Misericordioso que faz felizes os homens que O aceitam, depois de se confessarem pobres e infelizes e de todo necessitados...

Maria é um mistério de fé. E, tanto a dor como a alegria foram sempre, nEla, verdadeiramente misteriosas, impossíveis de alcançar com os nossos olhos humanos. Um misto de dor e alegria foi toda a vida deste Santíssimo Coração. Se o mar de dor que a enchia bastava para a fazer morrer mil vezes, que não deveríamos dizer da força da alegria que lhes invadia e penetrava a alma? Tanto se morre de dor como de alegria. Hoje, no Céu, é Ela um sol de alegria em pleno meio-dia. E a Sua missão constante é difundir esta alegria nos corações dos que ainda vamos atravessando o Mar Vermelho da vida, das lágrimas e dos trabalhos, neste caminhar até à Terra da Promissão onde seremos saciados. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus — para que sejamos dignos de alcançar as promessas de Cristo. A grande promessa de Cristo: as alegrias eternas, em sociedade com o Pai e com Ele, no aconchego do Espírito Santo.

Trazida por Cristo à terra, a alegria divina é proposta aos homens por todas as formas, mas, para ser aceite, tem de vencer a natural timidez e desconfiança que todos, instintivamente, sentem de poder alcançar uma felicidade plena e duradoira.

ILOSO DE MARIA

Todo o homem pode comprovar em si mesmo que, ao lado de uma sede insaciável de

bem-estar, existe uma desconfiança funda a propósito da felicidade tida como impossível, uma timidez perturbadora que teme aceitar o que poderia vir a ser uma decepção.

Com viver entre nós, quis Jesus familiarizar-nos com esta nova e autêntica alegria. Mas, no momento solene em que, ressuscitado de entre os mortos, no-la trouxe, onde se encontrariam as almas capazes de acolher, plenamente, este dom?

Sobre os seus inimigos sabemos que não exerceu ela influência alguma; nos Apóstolos, ainda que em posições diferentes, quase igual, pois, no dizer de S. Lucas, «Fora de si pela alegria, recusaram-se a crer e ficaram aturdidos». Quer dizer, a alegria era demasiado forte e demasiado inesperada para que eles a admittissem sem opposição.

Era preciso encontrar um coração humano que, representando a humanidade em seu estado ideal, Lhe desse um primeiro acolhimento, mas acolhimento integral e perfeito. Isso estava reservado para o Coração de Maria. Só a Virgem estava em condições de poder receber, sem em nada a deixar perder, esta alegria divina e inefável, da qual Cristo era portador, ao sair do túmulo.

Primeiramente, a estreitíssima solidariedade em que Ela havia vivido com Jesus o drama redentor. Depois de haver acolhido, plenamente, o sacrifício, estava preparada para acolher, plenamente, a alegria que daí resultaria como seu fruto: importava que Cristo passasse por estes sofrimentos para que, depois, entrasse na glória. A dor havia dilatado e engrandecido o Coração de Maria, preparando-a, assim, para uma efusão de alegria tanto mais entusiasta quanto a dor havia sido mais severa e mais amarga.

Depois, o modo como sofreu. Os males do Homem de dores. Maria os levou com confiança e amor. Para Ela não foi um fracasso o suplicio do Calvário. A aparente derrota só lhe serviu para avivar mais a sua grande fé e aumentá-la. Por todas as fibras de sua alma ela estava unida e abandonada ao mistério de seu Filho e num clima de altíssima confiança e tanto mais alta quanto tudo parecia incompreensível naquela hora tremenda de sexta-feira santa. Isto a preparava nelo facto, mesmo, a partilhar na consumação gloriosa do mistério. Mais: o amor do Coração da Mãe Dolorosa ficou sempre fiel e forte como a morte. Nunca vacilou nem esmoreceu. Inteiramente apegada a Cristo sofredor e morto, Maria fundava toda a sua exis-

tência, unicamente, na união com Jesus e aceitava tudo perder para partilhar da Sua sorte. A sua atitude — de pé junto à cruz ou sentada com o corpo de seu Filho, nos braços — Senhora da Soledade — proclamava que nEle e só nEle punha todas as suas esperanças e alegrias.

Daí uma conclusão simples: se Jesus Ressuscitado se apressou a mostrar-se às santas mulheres e a Maria Madalena, querendo recompensá-las pela tocante fidelidade do amor que elas lhe mostraram ao pé da cruz, que dizer, então, dos seus sentimentos para com sua Mãe? . . . Claro que foi a Ela que, primeiro, deve ter aparecido, a Ela que a todos havia dado o exemplo da solidariedade no sacrifício, a Ela que, mais que todas as outras e com mais fervor, havia posto todas as suas esperanças na união com Ele. Jesus devia-se a Si mesmo reformar, o mais depressa possível, esta união em júbilo e alegria.

Enfim, não era só porque se encontrava em disposições ideais para ser a primeira a receber a visita do Salvador Triunfante, mas porque a função que desempenhara, até agora, na economia da salvação para tal a designava. Divina Associada da Redenção, não podia a sua missão ficar cortada a meias . . . Ao lado de Cristo, na Incarnação, na vida oculta de Nazaré, na sua Paixão e Morte, mais o devia estar no momento da Ressurreição para O receber para uma nova vida mais gloriosa. Como outrora em Nazaré, na hora da Anunciação Ela tinha por encargo receber o Salvador em nome da humanidade.

Quer dizer, a aparição de Jesus a sua Mãe — que foi a primeira de todas — mais do que um testemunho de afecto filial, revestia um carácter oficial: por Maria, os homens, ou antes, a Igreja toda, recebia Aquele que lhes trazia as alegrias eternas.

E o Coração da Virgem tinha bastante envergadura para estreitar, em nome de todos, esta plenitude de gozo, juntamente com Aquele que o dava.

* * *

E, desde aquela hora da manhã de Páscoa, a Senhora da Alegria (sempre dentro dos seus costumados hábitos de «conferir em seu Coração todo o mistério de Cristo»), compreendeu e concluiu: Compreendeu que estava de posse da alegria definitiva e que essa alegria divina não mais a largaria nem a Ela nem ao mundo por causa do qual Ela mesma a havia recebido primeiro que todos . . . Daí o concluir, como imperativo de tal favor e privilégio, o espalhar à sua volta esta alegria de que o mundo tanto necessitava.

A Virgem sereníssima, em seu eterno júbilo, compreende que

uma nova época se abre sobre o mundo. A Missão de Cristo está realizada. Depois de muito haver lutado e sofrido chegou, enfim, ao dia da vitória final. E esta vitória é a vitória de toda a humanidade. Nela encontrarão os homens de todos os tempos a verdadeira felicidade, e é, precisamente, isto que faz vibrar de santa emoção o Coração de Maria. Para além do Filho estremecido, contempla Ela o Redentor que dá aos homens a salvação. Em vez de se contentar, simplesmente, com a sua alegria maternal, Maria acolhe em seu Coração a alegria de todos os homens, cujo destino está, doravante, assegurado. Nem o inferno, nem a morte, nem as potências do mal todas juntas poderão algo contra o Divino Vencedor — O Rei da glória. Medos, sustos, atmosfera de inquietação perturbadora ou descontentamento ante as dificuldades e provações da vida pelos séculos em fora, a Virgem compreende e quer fazer-nos compreender que deixar-se abater e perder por tal é ilogismo, ou insulto a Seu Filho vitorioso, é um desmentido ao seu triunfo.

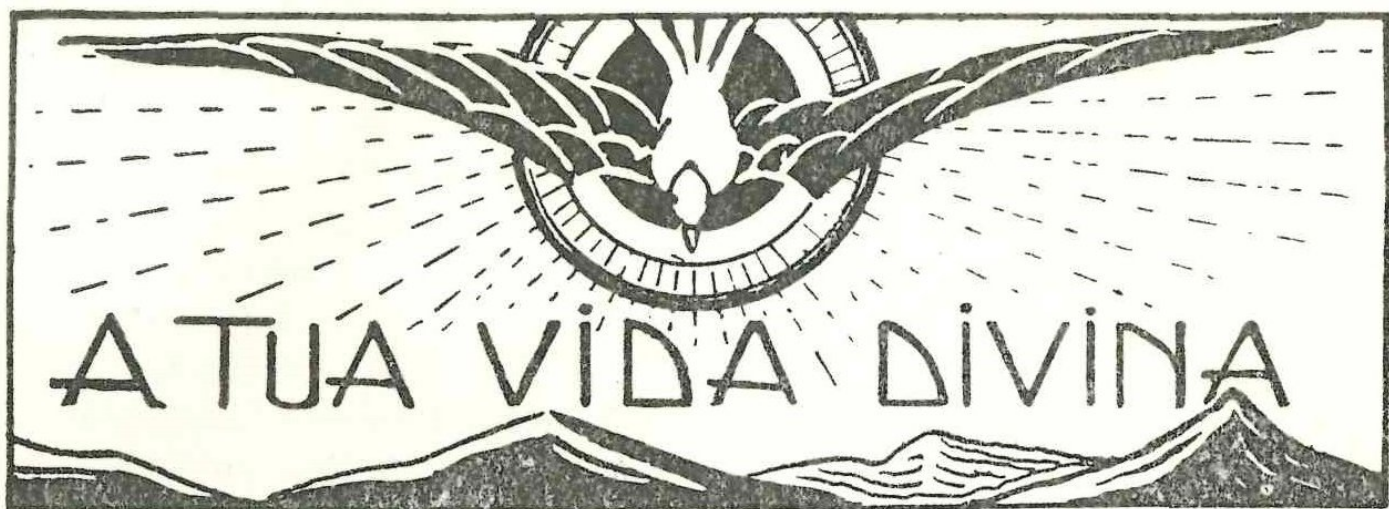
Quer dizer, só a alegria pode constituir o testemunho da obra libertadora realizada por Cristo e atestar o seu bom resultado. Desta alegria, até ao dia da entrada definitiva de toda a humanidade no reino da glória, será a Virgem Maria o grande e único Apóstolo: *Alegrai-vos e regosijai-vos, Virgem Maria, aleluia, porque ressuscitou o Senhor verdadeiramente, aleluia.*

Para viver de uma maneira permanente na alegria requer-se uma energia superior.

É esta energia, fornecida pela graça, que a Soberana Senhora e Rainha do Mundo se esforçará por encorajar e alimentar entre todos os que seguem a Cristo Ressuscitado. Isto, nos primórdios da Igreja, isto, hoje e sempre, até ao fim dos tempos. Por Ela a força e o entusiasmo da Ressurreição de Cristo se transmitirão aos homens.

Assim é feito o Coração Jubiloso de Maria... Como Moisés que, ao descer do Sinai, trazia sobre a face a luz da visão do Todo-Poderoso, assim Maria, que revê, sem cessar, o rosto de Cristo Ressuscitado tal como se lhe havia aparecido na manhã de Páscoa, leva em sua alma e no rosto, o reflexo da aparição do Salvador glorioso. «Dos seus olhos e do seu sorriso, como de todo seu porte, uma alegria emanava, irresistível, que se comunicava àqueles que a frequentavam...»

Apressemo-nos, simplesmente, em acrescentar que, por estar no Céu, nada perdeu desse sorriso, antes pelo contrário. O. T.



SEGUNDO MISTÉRIO: A VISITAÇÃO.

Contemplaste, no primeiro mistério do teu rosário, o primeiro mistério da tua Vida Divina, a sua entrada no mundo, o seu enraizamento no teu coração. E viste que essa entrada só se realiza num coração virgem, aberto à graça e à acção do Espírito Santo. Sem virgindade de coração e sem a vinda do Espírito Santo não há Vida Divina.

O segundo mistério do teu rosário é, também, o segundo mistério da tua Vida Divina.

A Vida Divina é, antes de mais e primeiro que tudo, missionária. À Incarnação, segue-se, sempre, a Visitação. À entrada da Vida Divina, no mundo, segue-se, logo, a missionação.

Mal entrou no mundo e começa já a evangelizar. Ainda não saiu do seio de Sua Mãe e já a faz sair de casa para ir santificar o seu precursor, tornando-se, assim, precursor dele. Ainda não pode caminhar, mas leva Maria — cum Festinatione — a toda a pressa, pelas montanhas da Judeia, ao encontro de Isabel e daquele que ia ser João. Ainda não fala, mas descerra a boca de Maria a proclamar as grandezas de Deus e a Boa-Nova. Ainda está invisível, oculta no seio de Sua Mãe, mas já se comunica e santifica João que exulta de júbilo ao receber a **Luz**, antes de ser dado à luz.

Eis a primeira característica da Vida Divina: ser missionária. Mas um ser missionária que não sofre demoras, que não aceita esperas, que não tolera descanso, que não marca prazos. É um ser missionária que é necessária à sua existência como a respiração aos pulmões e o palpitar ao coração.

A sua irradiação é irresistível como a do sol. Mesmo, quando as nuvens o ocultam, é ainda ele que ilumina o dia, aquece a atmosfera, dá vida aos seres.

A Vida Divina, quando é gerada num coração humano, fá-lo, imediatamente, correr a ajudar os outros, a oferecer-lhe os seus préstimos, a regozijar-se com os seus bens.

Enquanto as contas deste segundo mistério vão passando entre os teus dedos, vai pensando se tens vivido o mistério da visitação, se tens sido missionário, se tens ido a casa dos pobres, se tens consolado os doentes, se tens visitado os presos. Vai pensando se o teu egoísmo não está a atraiçoar a Vida que Deus te deu, essa Vida que, continuamente, te pede que vás, que saias, um ir e sair — cum Festinatione — apressado, que não se detém diante de montanhas.

Considera as ocasiões que tens perdido de anunciar a Boa-Nova, de irradiar a luz de Cristo, de dar, em comunhão, ao teu próximo essa vida que Deus te deu e sem a qual não vale a pena viver.

E finalmente abre os teus olhos sobre a vastidão imensa do mundo pagão onde ainda não existe a Igreja — essa Mãe que gera a Vida Divina que circula nas suas artérias.

Termina, olhando para esses dedos que acabaram de passar a última conta do mistério da visitação. O que têm feito eles para a dilatação do Reino de Deus? Têm sido ociosos ou têm-se ocupado apenas, em tarefas terrestres e trabalhos do mundo? E essa boca que acaba de saudar, dez vezes, a plenitude de Vida Divina que é o fruto bendito do seu ventre, essa boca, quando fala com os outros homens, continua o mesmo mistério da Anunciação e da Visitação ou deixa-os esquecidos e fora de tua existência e das tuas relações com os outros?

Que não seja mais assim. Doravante seja a tua Vida Divina e só ela a encaminhar os teus passos, a empregar as tuas mãos, a descerrar a tua boca num cântico de Magnificat a que se associem todos os que te rodeiam.

Convite do Santo Padre ao Episcopado de todo o mundo para que se façam preces especiais pelo Concílio Ecuménico

O «*Osservatore Romano*» publicou a seguinte CARTA APOSTÓLICA, dirigida aos Patriarcas, Primazes, Arcebispos, Bispos e outros Ordinários dos Lugares em comunhão com a Santa Sé, para que se façam preces especiais, na solenidade do Pentecostes, para obter crescente assistência divina para todos os que preparam o Concílio Ecuménico:

Veneráveis Irmãos, saúde e Bênção Apostólica.

Desde que fizemos tenção de celebrar o Concílio Ecuménico, temos erguido todos os dias preces a Deus, para que difunda a abundância das suas misericórdias sobre a Igreja e sobre os seus Pastores. O Concílio é, de facto uma obra grandiosa, para a qual não bastam as forças dos homens: recebe a sua eficácia do Nosso Redentor, o qual, dirigindo-se amavelmente aos Apóstolos, prometeu-lhes que pediria ao Pai que fizesse descer sobre eles outro Paráclito, o Espírito da Verdade: «Ele vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito» (João, XIV, 26).

Por este motivo, temos repetidas vezes dirigido a Nossa exortação a todos os fiéis e, de modo especial, aos candidatos ao sacerdócio, às crianças, aos doentes, a fim de que, mediante súplicas fervorosas e sacrifícios oferecidos ao Senhor, possamos conseguir a assistência e a graça de Deus Omnipotente.

Com ânimo jubiloso verificamos já as provas do auxílio divino e do vosso zelo: aquilo que, com suavíssima esperança, anunciámos no Cenóbio da Basílica Ostiense, está a realizar-se de forma muito elevada e digna de despertar a admiração e o aplauso unânime dos Cardeais e do Episcopado e enche de santa alegria o pio rebanho dos fiéis de todo o Mundo. O que, de facto, parecia ser uma pequena semente, cresceu e converteu-se numa árvore viçosa de folhas e frutos, rica de promessas para o decoro da Igreja.

Cantemos **in eterno** as misericórdias do Senhor e rendamos-Lhe graças por ter favorecido, com a sua ajuda liberalíssima, uma empresa tão grande.

Como o desenvolvimento dos trabalhos preparatórios do Concílio se está a intensificar e mais urgente se sente a necessidade de renovar as orações, desejamos Veneráveis Irmãos que a próxima festa de Pentecostes seja precedida — como é hábito — duma solene novena de súplicas e seja celebrada em toda a Igreja em união connosco com fervorosas preces ao Espírito Santo, a fim de que assista, de modo especial, aqueles que estão prestando activamente o seu concurso no trabalho da preparação do Concílio: O Divino Paráclito, fonte viva, fogo e caridade, ilumine as suas mentes e os encha de graça superna.

Recorra-se à poderosa intercessão da Virgem Maria, Mãe de Deus, que é Mãe da Graça e celeste Padroeira do Concílio; invoque-se o patrocínio de S José, seu castíssimo esposo, a cuja protecção confiámos, recentemente, o Concílio.

Querendo acrescentar esplendor a esta solene súplica, Nós próprios, na próxima festa de Pentecostes e na Basílica de S. Pedro, que será a sede do Concílio, conferiremos a consagração a alguns Bispos, destinados a anunciarem o Evangelho em países longínquos.

Desejamos, além disso, que sejam incrementadas e multiplicadas as iniciativas que se revelarem oportunas e aptas a mostrar aos fiéis a importância e os fins do próximo Concílio Ecuménico.

Esperamos, vivamente, Veneráveis Irmãos, que Deus Onnipotente e os celestes Padroeiros ouçam as nossas preces e que a Igreja, refulgente em todo o seu pleno esplendor, apresente a todo o mundo um espectáculo admirável de unidade, de verdade e de caridade, que trata todos aqueles que ainda estão fora do seu grémio maternal.

Animados por esta esperança a vós todos, Veneráveis Irmãos e aos rebanhos confiados à vossa guarda, concedemos, com todo o Nosso coração, a Bênção Apostólica.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, a 11 de Abril de 1961, terceiro do Nosso Pontificado.

JOÃO XXIII
PAPA

A M E N S A



Publicamos hoje, na íntegra, o texto da Pastoral Colectiva com que os Bispos portugueses da Metrópole chamam a atenção dos fiéis para a necessidade da meditação e realização da Mensagem de Fátima.

1. — Nesta hora de paixão para a Pátria, em que ela sofre no seu corpo e na sua alma, os Bispos de Portugal metropolitano convidam, mais uma vez, todos os portugueses à meditação e ao cumprimento da Mensagem de Nossa Senhora do Rosário em Fátima.

Esta Mensagem é a Mensagem especial do Coração Imaculado de Nossa Senhora do Rosário — a Senhora vitoriosa das grandes batalhas da Cristandade — ao mundo actual. É Mensagem de salvação para um mundo que corre para a sua perda — a perda eterna, e, até, a temporal na conquista e estabelecimento daquele reino de verdade e de vida, de santidade e de graça, de justiça, de amor e de paz, que é o de Cristo.

G E M D E F Á T I M A

P A S T O R A L

É, em especial, Mensagem para Portugal, que Nossa Senhora escolheu para manifestar o seu Imaculado Coração ao mundo, como esperança e refúgio.

● QUANDO O HOMEM PRETENDE SER O SALVADOR DE SI MESMO

2. — Um dos asaltos satânicos mais temerosos contra a Igreja e contra tudo que tem nome cristão, invade o mundo. Dir-se-ia que ele é vítima duma obsessão luciferina. Libertam-se e exaltam-se as três concupiscências da carne, do orgulho e da cobiça, fonte de todo o mal, injustiça e sofrimento da humanidade.

As mais generosas aspirações de liberdade, justiça, bem-estar, progresso, comunhão fraterna, que brotam sempre vivas do fermento cristão, e hoje parecem o primaveril despontar de um mundo novo cheio de esperanças, o espírito do mal perverte-as e enlouquece-as, fazendo-as abortar em guerras, em escravidões, em degradação.

O homem pretende ser o salvador de si mesmo. O nome bendito de Nosso Senhor Jesus Cristo — o Único que é o Salvador — não é já invocado nas grandes assembleias internacionais. E Deus não é declarado o fundamento de toda a ordem moral política e social.

Entre os próprios cristãos, que são, pela graça do seu baptismo, fermento de renovação e de vida, luz e sal no mundo cego e corrupto, testemunhas do Espírito criador e libertador — até muitos desses se deixam contaminar na pureza da doutrina, na confiança e docilidade à Igreja, no sentido redentor da cruz, no desapego evangélico dos bens, no amor dos pobres, na fome e sede de justiça, na inocência da vida e na modéstia cristã.

● A SALVAÇÃO ANUNCIADA EM FÁTIMA ESTÁ CONTIDA NO EVANGELHO

3. — A gravidade do actual momento histórico parece deduzir-se logo da parte que o mundo sobrenatural tomou nas manifestações miraculosas que dizem respeito à proclamação da Mensagem por Nossa Senhora em Fátima. Dir-se-ia que todo o Céu se moveu associando-se a ela: o Anjo da paz (o Anjo de Portugal), a Sagrada Família, Nosso Senhor. E, note-se bem: Nosso Senhor abençoando o mundo. É Mensagem misericordiosa de salvação.

No fundo — e não poderia ser de outro modo, pois não há salvação senão por Cristo e a Sua Igreja — a salvação anunciada está contida no Evangelho. Mas é esta mensagem evangélica recordada, com simplicidade que é sinal da sabedoria divina, por Aquela que é chamada «a morada da Sabedoria». Bastaram-Lhe algumas palavras ditas a crianças inocentes, eco das que dissera nas bodas de Caná «fazei tudo que meu Filho vos disser», para iluminar de luz os caminhos da história e rasgar ao mundo aflito horizontes de esperança.

● QUADRO DA PRESENTE TRAGÉDIA DO MUNDO

4. — Em Fátima, Nossa Senhora manifestou o quadro da tragédia dos tempos em que vivemos, mostrou a causa profunda e última dela e ensinou os meios de trazer aos homens «uma era de felicidade, em que a paz reine e a Religião triunfe», segundo palavras de Pio XII.

Eis aqui o quadro da presente tragédia do Mundo, nos termos sóbrios, precisos, da Mensagem: «Se não atenderem [os meus pedidos, a Rússia] espalhará os seus erros pelo Mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados. O Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas»... Esta terrível predição, ou melhor, visão da crise angustiosa do nosso tempo, foi comunicada na terceira aparição, em 13 de Julho de 1917.

Factos de nossos dias provam a realidade desta predição: guerra, revolta, desordem, violência, perseguição, erros...

● **ESTÁ NECESSÀRIAMENTE CONDENADA À FALÊNCIA TODA A TENTATIVA HUMANA SEM A LEI DE DEUS**

5. — O mundo aspira à paz, mas não encontra o caminho dela, porque a procura fora do Único que a Si mesmo Se definiu «o Caminho». Rejeitando Deus, ignora a natureza verdadeira do homem, por Deus criado e remido. Toda a tentativa humana que despreza a Lei de Deus está, necessariamente, condenada à falência e ao desengano para o estabelecimento da justiça e da paz. Nossa Senhora denunciou-o, mostrando no pecado (e o pecado é a desobediência a Deus) a causa de todo o mal que existe no mundo. Mal que traz consigo, na eternidade o inferno, neste mundo a guerra com todas as suas formas e consequências.

Com sobrenatural pedagogia, na aparição de 13 de Julho, Nossa Senhora mostrou aos pastorinhos aterrados o inferno, «para onde vão — disse a Senhora — as almas dos pobres pecadores»; e logo a seguir, anunciou a futura guerra: «se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI, começará outra [guerra] pior... Quando virdes uma noite alumiada por uma luz desconhecida, sabei que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre».

● **SÓ A GRAÇA DE CRISTO TEM O PODER DE FORMAR O HOMEM NOVO**

6. — No princípio de toda a obra de paz, isto é, da realização da justiça, que só pode ser feita no respeito dos direitos de Deus e do homem, está pois a vitória sobre o pecado. As últimas palavras de Nossa Senhora em Fátima foram estas: «É preciso que [os pecadores] se convertam, que peçam perdão dos seus pecados». E, prestes a elevar-se, tomando um aspecto triste deixou-nos como conclusão e resumo da sua vinda a Fátima: «Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor, que já está muito ofendido».

Anda aí o ateísmo comunista a perverter o mundo com os seus erros (foi Nossa Senhora de Fátima que o afirmou) apresentando a miragem dum mundo novo e dum homem novo. Mas este homem é o homem velho, expulso do paraíso, sujeito à morte, escravo do

pecado ; e este mundo novo, já o podemos ver neste mundo velho que se vai incendiando cada vez mais em guerra, quente ou fria.

O homem novo só a graça de Cristo tem o poder de o formar. Exige participação na morte e na ressurreição de Cristo. Ele já venceu a morte, trazendo em si a vida eterna.

● O MEIO DE REFORMAR O MUNDO

7. — Com maternal solicitude, a Mãe Divina Graça ensinou, em Fátima às humildes criancinhas o meio de reformar o mundo, trazendo-lhe a paz. Este meio, é, além da reforma cristã da vida, a oração. O cristão é filho de Deus, sabe que o seu apelo comove o coração do Pai eterno, e é o Pai do Céu que tece a história. Com Ele, o cristão pode tudo.

«Rezem o terço todos os dias para alcançarem a paz para o mundo, e o fim da guerra», recomendou logo na primeira aparição. E repetiu a recomendação, com a mesma promessa da paz, na terceira, acrescentando que «só Ela poderia valer ao mundo». Insiste, na quinta aparição, que continuem a rezar o terço «para alcançarem o fim da guerra».

● SEM DEUS, A HISTÓRIA NÃO TEM SENTIDO

8. — O crítico a quem não alumie o Espírito julgará as palavras de Nossa Senhora pobres de sentido e de consequências ; mas elas são de um alcance e de uma eficácia universais. Ilustram concretamente, no que se poderia chamar a catequese dos três pastorinhos, a teologia da história contemporânea, ou, até, simplesmente a teologia da história humana. Resumem-se as recomendações de Nossa Senhora, ou «pedidos» como Ela própria disse, à oração fervorosa e constante (em todas as seis aparições Nossa Senhora «pediu» que rezassem o terço todos os dias) e à emenda cristã da vida o que equivale a dizer, cumprimento da lei de Deus e da Igreja, ou, por outras palavras, a viver na graça de Deus. Isto, porém, não pode fazer-se sem mortificação das paixões, conversão sincera para Deus, desarreigar de todo o affecto ao pecado, sacrifício, penitência, cruz. O cristão, para viver na graça de Deus, terá de ser de

algum modo mártir ; terá de trazer, no seu espírito e na sua carne a cruz do dever de estado e da observância da Lei de Deus.

A lição de Fátima ilustra toda a visão cristã da história, contra o materialismo, ou o simples naturalismo, que julgam poder prescindir de Deus na construção dum Mundo, verdadeiramente, plenamente humano. Deus criador e redentor do homem está no princípio e no fim da história da humanidade. Sem Ele a história não terá sentido, e nenhuma constituição terá fundamento, e o homem não vencerá jamais o mal e a morte.

Nosso Senhor Jesus Cristo é a chave que revela o "sentido" da história do homem, e a salva. E este sentido é: a glória de Deus e a salvação do homem. Para este fim supremo, conduz, misteriosamente, os acontecimentos. O senhor da História é só Ele.

● PELA VITÓRIA DO CORAÇÃO DE MARIA

9. — Mas, em Fátima, Nossa Senhora não se limitou a lembrar a observância da Lei de Deus e a prática da oração como caminho de salvação, para os indivíduos e para as nações. A Sua Mensagem é penhor de esperança para o mundo. Nossa Senhora prometeu o triunfo final do seu Imaculado Coração.

«Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz», assegurou na terceira aparição». E, pouco depois, mais expressamente, acrescenta: «Se atenderem aos Meus pedidos, a Rússia converter-se-á... Por fim o Meu Imaculado Coração triunfará».

Trouxe-A a Fátima o Seu Coração Imaculado, tocado de compaixão pelos «pobres pecadores». Veio para os salvar e trazer a paz ao mundo. E mostrou, cercado de espinhos (os espinhos cravados pelos nossos pecados) o seu doloroso e Imaculado Coração, como refúgio para os pecadores e recurso contra os males do mundo.

O Coração da Santíssima Mãe de Deus é o espelho do de Seu Filho. É caminho de compaixão e ternura maternal para conduzir os pecadores ao Coração de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Salvador único dos homens.

À devoção ao seu Imaculado Coração prometeu Nossa Senhora especiais, privilegiadas graças. «A quem a abraçar, prometo a sal-

vação», teria dito. Pediu, para esse Coração maternal, amorosa reparação (não sofreu nele os tormentos que o Senhor sofreu na Cruz?), e consagração. Consagração significa entrega, doação, renúncia.

● ESTA É A HORA DE NOSSA SENHORA E DE PORTUGAL

10. — A meditação e o cumprimento da Mensagem de Fátima são, sobretudo, oportunos nesta ocasião em que a Pátria chama todos os seus filhos a unirem-se em volta dela. É mensagem de oração, de emenda de vida — e de esperança. Ela ensina-nos que, se nós estamos com Deus, indivíduo e Nação, Deus está connosco — e é Deus que conduz os fios da História. O que é impossível aos homens, pode-o a oração e a penitência.

Portugal o sabe já por experiência. E bastará lembrar a protecção especial de Nossa Senhora durante a guerra, anunciada sete meses antes que ela rebentasse, em atenção à consagração nacional ao seu Imaculado Coração feita em 1931.

Solenissimamente, no alto de Almada, aos pés do Monumento de Cristo Rei, Portugal renovou, em 17 de Maio de 1959, a Consagração ao Sagrado Coração de Jesus e ao Coração Imaculado de Maria, pela voz dos representantes mais qualificados da Nação, em novas Cortes em que estiveram unânimes delegados do povo. E é lícito acreditar que os Corações de Jesus e de Maria quiseram manifestar, com prodígios, que aceitavam Portugal, como seu.

Terá Portugal sido fiel à consagração, aceitando a plena soberania de Deus na vida pública e privada? Também ele carece de ajoelhar, penitente e suplicante; mas não quebrou a consagração feita.

É grave para o mundo, e, particularmente, para a nossa Pátria, o momento que passa. Mas, «as horas desesperadas são as horas de Deus», como «costuma dizer a piedade cristã com sabedoria feita de luzes divinas e de experiência mil vezes secular».

Esta hora é a hora da Nossa Senhora do Rosário. É a hora de meditação e realização da Mensagem de Fátima. É, esperamos, confiados no seu Imaculado Coração, a hora de Portugal.

O realismo da mensagem de Fátima

II — Veemente apelo à Oração

— «*Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores. Vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas*»

PARA vivermos, na graça de Deus e, especialmente, para assim vivermos até à morte, para termos o dom da perseverança final e daí o da salvação, não nos bastam as graças suficientes, embora abundantíssimas, mas são, em absoluto, necessárias as graças eficazes, isto é, aquelas graças às quais nós, de facto, correspondemos.

As promessas divinas que asseguram de *modo infalível a nossa correspondência à graça actual*, só valem para a oração. Mas, também para rezar se requer a graça; esta, porém, Deus dá-a a todos. Todos podem rezar sempre.

«Se, pois, Deus — afirma Santo Afonso de Ligório — impôs a todos os seus mandamentos e a todos tornou possível a sua observância, ao menos mediante a oração, forçoso é concluir que todos têm a graça de rezar: aliás, a quem faltasse esta graça, não seria possível a observância dos mandamentos».

I — A NECESSIDADE DA ORAÇÃO

Propositadamente, seremos fecundos em situações de Santo Agostinho e de Santo Afonso de Ligório, porque eles são os doutores por excelência da oração.

A) Santo Agostinho chegou às suas conclusões sobre a oração, através de uma só fonte: a Sagrada Escritura. Não sofreu o influxo de nenhum escritor eclesiástico, mas exerceu e exerce ainda o seu influxo sobre muitos. O próprio Santo Afonso de Ligório, que teve o grande mérito de colocar em tão viva luz a necessidade da oração, não é, nesta parte, e não podia deixar de ser, mais que discípulo do grande doutor de Hipona. Os escritos de Santo Agostinho mostram-nos, até à evidência, um profundo e constante pensamento (diríamos

quase uma ideia fixa), que atravessa toda a produção agostiniana (sermões, cartas, tratados): a oração é tão necessária para a observância da lei divina, quanto a graça que nos obtém. Mas a graça é absolutamente necessária, daí sê-lo, igualmente, a oração, ao menos na vida ordinária. Porque, segundo o santo doutor, *no actual plano da Providência*, Deus estabeleceu que não concede aos fiéis as graças necessárias à salvação, a não ser *através da oração*, embora, por vezes, as conceda sem nenhuma oração.

«Cremos — afirma João de São Tomás, baseando-se na autoridade de Santo Agostinho — que ninguém chega à salvação, se Deus não o chama. Ninguém, uma vez chamado, opera a sua salvação, se Deus não o ajuda. Ninguém merece tal auxílio, se não o pede». «Elevemos portanto — diz Santo Agostinho — oração ao Senhor para que não façamos nada de mal (II Cor. XIII, 7).

Se isso estivesse ao nosso alcance, do mesmo modo que antes do pecado, antes que a natureza humana estivesse viciada, por certo, não o pediríamos com a oração, mas deveríamos antes agir. Mas... depois da ruína primitiva..., na verdade, ninguém pode lutar contra as paixões, se Deus não o ajuda... Por isso, Deus quis que, nesta luta combatêssemos mais com a oração que com as nossas forças, porque a própria força de que agora temos necessidade é Ele quem a dá aos que, no combate, imploram o seu auxílio».

«Esta é a salvação pela fé, que nos faz procurar para achar, pedir para receber, bater para que se nos abra a porta. Quem a rejeita, fecha contra si mesmo a porta da misericórdia de Deus. Não quero estender-me muito sobre um argumento tão importante, porque prevejo maior proveito, recomendando-o às orações fervorosas dos fiéis do que com os seus sermões».

«A oração do justo é a chave do céu. Sobe a oração e desce a misericórdia de Deus».

Na luta encarniçada contra o erro de Pelágio, Santo Agostinho afirmou sempre resolutamente as suas convicções sobre a oração.

«Os Pelagianos acreditam afirmar coisa espantosa, quando dizem: Deus não nos pode mandar o que sabe que o homem não

pode fazer. Quem não sabe isto? Mas, precisamente, por isso, nos manda algumas coisas que não podemos fazer, para que saibamos aquilo que lhe devemos pedir, pois é a fé que, ao rezarmos, nos alcança aquilo que a lei manda».

«Não por outro motivo — diz o santo em outros lugares — a Escritura recorda que os divinos preceitos não são difíceis senão para que a alma, que sente a sua dificuldade, compreenda que ainda não recebeu as forças, com as quais os preceitos do Senhor sejam tais quais nos são impostos, a saber, leves e suaves, e reze, com gemidos da Vontade, para obter o dom da facilidade».

«Aquele que quis a luta, ajuda a quem combate. Deus não olha para ti, enquanto combates, como os espectadores olham um condutor de cavalos: sabem gritar, mas não sabem ajudar. Deus não olha para ti, enquanto combates, como o espectador observa aquele que luta: prepara uma coroa caduca, não sabe incutir energias a quem está cansado; e nem mesmo o pode, porque é homem e não Deus; e, talvez, enquanto olha, mais se cansa ele por estar sentado, que aquele que está lutando. Deus, porém, quando observa os seus combatentes, ajuda-os, se é invocado. De facto, a voz do seu combatente é a do Salmo (93, 18), quando dizia: meu pé vacila, a tua bondade, ó Senhor, me sustentava. Não sejamos, portanto, preguiçosos, meus irmãos: rezemos, procuremos, lutemos. Aquele que pode, recebe; quem procura achará; e a quem bate, será aberto».

Santo Agostinho aprendeu bem, pela sua triste experiência de pecador, que o homem pecador, caído, segue aquilo que mais lhe agrada e, daí, deduz a necessidade da graça interna para transformar o nosso gosto. Mas não parou aqui; deu mais um passo em frente, afirmando a necessidade de oração para obter a graça.

«Nós — escreve — fazemos aquilo que mais nos agrada. Por exemplo, se se nos apresenta o rosto de uma bela mulher, somos impelidos ao prazer da impureza. Mas, se apreciamos mais aquela beleza íntima e o rosto puro da castidade, por meio da graça, que está na fé de Cristo, vivemos segundo ela e segundo ela agimos. De modo que, sem fazer reinar em nós o pecado, consentindo no seu desejo, mas, reinando a justiça por meio da caridade, fazemos com

grande gosto aquilo que sabemos ser do agrado de Deus. E aquilo que disse a respeito da castidade, posso afirmá-lo também de tudo o mais».

Este ser atraído a gostar de Jesus Cristo, esta doçura em cumprir os seus preceitos, alcançá-los-emos pela oração.

«Refugie-se (a alma) por meio da fé na misericórdia de Deus, a fim de que nos conceda o que lhe pedimos e, derramada a doçura da graça, por meio do Espírito Santo, nos faça apreciar aquilo que manda, mais do que agrada aquilo que nos proíbe».

«Quando prazeres ilícitos te fascinarem..., ergue gemidos a Deus, confessando-lhe os teus pecados, obterás dele o gosto e dar-te-á a doçura de praticares o bem, para que comece a agradar-te a justiça, a ti, que antes te deleitavas na embriaguez; e tu que antes gozavas com os furtos, a ponto de tirares a outros aquilo que não tinhas, agora procuras dar a quem não tem, aquilo que possuías; e tu que te deleitavas em roubar, deleita-te agora em rezar; e tu que gostavas de cantos frívolos e obscenos, sentes, agora, gosto em elevar hinos a Deus; e tu que antes corrias para o teatro, vais à igreja».

Segundo Santo Agostinho, a oração não nos obtém tão somente a graça de mudar o gosto e vencer as nossas paixões, mas faz-nos também vencedores contra os assaltos do demónio.

«Acautela-te do homem, evitando-o; do demónio, rezando.

Evita-se, efectivamente, um inimigo visível, cuidando de não estar perto dele; evitas, assim, alguém que vês. Mas, como evitarás alguém que não vês? Rezando. Reza contra ele: os teus dardos são dardos de oração. Calas-te, e ele, então, arma-te insídias; rezas, e ele retira-se impotente. Mas reza com aquele amor, com que amas a Deus, desinteressadamente, para que a tua oração chegue Àquele que amas com desinteresse». Sem o auxílio da graça, não há outra coisa senão mísera deserção: «Tolle adiutorem, non invenio nisi desertorem.»

Prova clara temo-la na própria Sagrada Escritura: S. Pedro tinha recebido a Sagrada Comunhão, tinha feito o firme propósito de nunca abandonar Jesus, mas porque não rezou, humildemente, caiu.

MÁRIO CORTI

(Continua)

DIRECÇÃO ESPIRITUAL

*Segundo a doutrina do Venerável Padre
Francisco Maria Paulo Libermann*

«Os escritos e o exemplo do P. Libermann arrastam a quantos o estudam até às profundezas da renúncia cristã, da união com Deus, da paz interior, onde se alimentam as virtudes fundamentais da acção missionária e do zelo autêntico da salvação das almas».

(S. S. Pio XII, 16 de Janeiro de 1952)

Carta 206

Não penses, senão, numa coisa: deixar actuar em ti o Espírito de Nosso Senhor, segundo todas as suas diferentes vontades. Experimentas variações no teu interior? Não te inquietes por isso. Toma tudo como vindo deste Divino Mestre, e deixa-O livre de fazer de ti o que Lhe aprouver. As Suas operações são sempre operações de amor; o que se dá é que, em tudo isso, Ele segue os diferentes graus do nosso avanço e as divinas vontades cheias de amor de Seu Pai Celeste.

É bom que, da tua parte, vejas algumas das tuas infidelidades, mas nunca de modo a deixares-te perturbar; o nosso bom Mestre já está habituado a essas infidelidades; aumentará as Suas graças em proporção da maior necessi-

dade que delas tiveres. Mantém-te, portanto, humilde diante dEle. Depende dEle como uma criança de sua mãe.

Não queiras encontrar o alimento, a vida e a acção fora dEle e de Sua Santíssima Mãe. É necessário que seja Jesus quem te leve e te mova por Maria, Santíssima Mãe.

Em todas as tuas necessidades, em todo o tempo, em todo lugar, em qualquer circunstância, voltem-se os teus olhos para Jesus e Maria, mas em paz e doçura, com amor e num estado de prostração e humilhação interior...

Não queiras prescrutar, de uma maneira natural e com actividade, do que se passa no teu interior e das virtudes que te faltam. Segue, suave e docemente, humilde e amorosamente, os atractivos de Nosso Senhor, e fica, em repouso, diante dEle...

«A verdadeira piedade é a de Jesus Cristo e de seus apóstolos: uma piedade máscula e vigorosa, que nos ensina a abandonar a terra e tudo o que ela encerra, a vencermo-nos a nós mesmos em tudo». V. Libermann.

Cristo Ressuscitou — Aleluia

Eis a exclamação de todo o cristão, na festa da Páscoa, que acabámos de celebrar. Depois de havermos comemorado, na Quinta-Feira Santa, os grandes mistérios da instituição da Eucaristia e do Sacerdócio, essas grandes riquezas que Jesus nos deixou, e de recordarmos, na Sexta-Feira Santa, o maior drama que até hoje se realizou sobre a terra — a morte de Cristo na cruz, para nossa redenção — eis-nos a proclamar, bem alto, a maior vitória — Cristo ressuscitou — E, quando os inimigos julgavam que tudo tinha acabado, foi quando começou o maior triunfo.

Cristo morreu para remir todos os homens para que, também, todos os homens possam ressuscitar com Ele. E com Cristo, nós ressuscitamos na verdade.

Mas, tu que lêes estas linhas e que, certamente, estás ressuscitado porque vives na graça de Deus, já pensaste nos milhares de almas que vivem mortas para a graça e que, também, precisam de ressuscitar, porque Cristo igualmente morreu por elas? Tu que tiveste a graça de conhecer Jesus para O amar, lembra-te de tantos que vivem afastados d'Ele e que, portanto, não ressuscitaram ainda. E que fazes tu para que essas pessoas conheçam Jesus e O amem, e com Ele ressuscitem, também, para se salvarem? É, talvez, o teu vizinho, algum dos teus companheiros, o teu irmão, o teu pai, a tua mãe, o teu filho, que vive afastado de Jesus, talvez porque não O conheça. São os milhões de infelizes aos quais não chegou, ainda, a boa nova da redenção, por não haver

mensageiros que lha levem. E que tens tu feito ou que tencionas fazer para que todas estas almas conheçam e amem Jesus, com Ele ressuscitem e se salvem?

Faltam sacerdotes e missionários suficientes para levarem a todos os homens a mensagem da redenção e transmitirem às almas as graças de Cristo, das quais o Padre é o depositário e o distribuidor. E podes tu, se quizeres, contribuir para a salvação dos que andam afastados da verdade e do bom caminho, para que eles ressuscitem, também. Pela tua oração, pelo teu exemplo, pelo teu sacrifício, pelo teu apostolado, podes ajudar a salvar as almas dos que andam no erro, trazendo-os à luz da verdade. E, na medida em que trabalhares pela salvação dos outros, contribuirás para a tua salvação.

Se quizeres, podes contribuir, ainda, para que haja mais sacerdotes e missionários, a fim de que mais almas sejam salvas.

Pede ao Senhor que nos dê muitos e santos sacerdotes; procura criar ambiente propício onde possam desabrochar e florescer vocações sacerdotais; reza por aqueles a quem Deus chamou ao sacerdócio; ajuda os Seminários. E, se conseguires fazer com que, amanhã, haja mais um sacerdote, terás dado o maior contributo para o reino de Deus e salvação das almas, a fim de que todas possam ressuscitar e dizer em alta voz:

CRISTO RESSUSCITOU — ALELUIA.

A. S.

Nas Pegadas dos Mártires

S. SEBASTIÃO

S. SEBASTIÃO era um soldado ao serviço de Diocleciano, esse imperador intragável como os que o são cujo nome havia de bastar para definir uma época de perseguição, como se fora o título de um livro ruim.

Tão bom recado deu Sebastião do ofício, que o imperador não fez questão de o admitir na corte e acabou, mesmo, por nomeá-lo comandante da primeira companhia da sua guarda.

Mas Sebastião, na velha terra da sua infância, Norbonne, fora educado na religião cristã e isso não o sabia o imperador que, se o soubera, já as coisas não cantariam nesse tom.

Fiel à educação que recebera e, aproveitando as vantagens que o seu cargo lhe dera, Sebastião socorria os cristãos perseguidos, dava-lhes esmolas, animava-os nas prisões e fortalecia-os nos suplícios. Todos sabiam que tais modos de proceder só podiam ser de um cristão, mas Sebastião lá ia procurando disarçar o melhor que podia, se não, ele bem o sabia, teria o caldo entornado. E a verdade é que o caldo acabou mesmo por se entornar. Um alma deslavada qualquer, que não via com bons olhos a caridade que o comandante da guarda dispensava aos presos, foi dali direitinho ter com o imperador e encheu-lhe os ouvidos daquilo que via e mais ainda do que não via. Que isto e que aquilo. Em conclusão, que Sebastião era cristão, que o mesmo era dizer um criminoso daquelles a quem se não pode ver, sem se ter que lavar a cara depois.

Algumas verdades dissera o homem, entre as quais o ter afirmado ao imperador que Sebastião é que convertia os

pagãos e os mantinha na fé. Conheciam-se, até, alguns exemplos. Marco e Marcelino, dois jovens romanos, presos por serem cristãos, comovidos pelas súplicas de sua mãe, estavam já prestes a sacrificar aos deuses pagãos, quando Sebastião lhes virou de novo as ideias para a fé de Cristo. E, com tanto acerto andara que até Cláudio, o carcereiro e Nicróstato, primeiro escrivão do tribunal, se haviam convertido, persuadidos também pelo seu arrazoado. Mais: até Cromácio, governador da cidade, e sua família, se haviam convertido pelas artimanhas de Sebastião.

O imperador deu um salto na cadeira e desatou a passear, soprando por todas as ventas, como lobo assanhado a quem morderam o rabo.

—Trazei-me, imediatamente, Sebastião à minha presença.

Foi, então, que se deu o bom e o bonito.

O imperador, depois de lhe exprobar a ingratidão com que Sebastião pagara os benefícios com que o havia cumulado, repreende-o, sobretudo, por haver irritado a cólera dos deuses contra o império, introduzindo, até, no próprio palácio imperial, essa religião infame.

Mas aqui não se calou Sebastião, que não era homem de medos nem vergonhas.

—Que não. Que não havia prejudicado o Império. Que a seu ver não podia prestar maior serviço ao imperador e ao Império do que adorar o único e verdadeiro Deus, e que estava tão longe de faltar ao seu dever pelo culto que prestava a Jesus Cristo, quanto era certo que nada podia ser mais vanta-

josos ao Príncipe e ao Estado como ter vassallos fiéis, que, desprezando os falsos deuses, orassem, incessantemente, ao Soberano Criador do Universo pela salvação de um e de outro.

Por esta resposta não esperava o imperador, mas Sebastião não era homem de meias tintas, sobretudo, quando se tratava de professar a sua fé.

Foi, assim, que Diocleciano, irritado que nem um animal mordido por bicho venenoso, ordenou, sem mais aquelas, que Sebastião fosse amarrado a um poste e atravessado com flechas pelos próprios soldados da guarda.

Seu dito, seu feito. As flechas atravessaram as carnes de Sebastião e os soldados ali o deixaram, no abandono do caminho, à espera da morte, se é que morto não estava já.

Na noite seguinte, Irene, viúva piedosa e de bons sentimentos, foi buscar o corpo do defunto para o sepultar, mas vê, com grande espanto, que Sebastião ainda vivia.

Levou-o, em segredo, para sua casa e curou-lhe as feridas.

Com a cura voltou a Sebastião a ousadia antiga. Os outros bem diziam que se escondesse, que se se soubesse que ele estava vivo podia haver novidade. Qual o quê. Que fossem dizer isso a

outro. Sebastião tomou, mas foi, o caminho do Palácio e, quando o imperador descia as escadas, disse-lhe mesmo junto aos queixos:

— É possível Senhor que vos deixeis, eternamente, iludir pelas imposturas e calúnias que se andam, incessantemente, a inventar contra os cristãos? Sabei que os fiéis não são inimigos do estado e que é, somente, às suas orações que vós sois devedor de todas as prosperidades.

O imperador surpreendido ao ver e ouvir um homem que bem sabia àquelas horas morto e sem concerto possível, perguntou:

— És tu, realmente, aquele Sebastião a quem eu mandei matar?

— Sou esse mesmo. E o meu Senhor Jesus quis-me conservar a vida para que, na presença deste povo, eu viesse dar, um público, testemunho da impiedade e da injustiça que cometeis, perseguindo os cristãos, com tanto furor.

Fora de si por mais este despropósito, Diocleciano fê-lo prender e açoitar com varas, até lhe tirarem a vida, perante a multidão, no Circo da Cidade.

Era o ano de 288.

São assim os mártires de Cristo.

T. N.

«É fácil servir a Deus, quando não encontramos senão alegrias nesse serviço. Mas não é esse o caminho que Ele nos reserva e que o próprio Jesus trilhou antes de nós.

Aqueles que vivem sempre tranquilos, sem cruces nem contradições, não se santificarão.» V. Libermann.

Doze anos

AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO

— EXAME DE CONSCIÊNCIA —

No passado dia 25 de Março, o Movimento dos Apóstolos do Imaculado Coração de Maria celebrou o seu aniversário.

Há, portanto, doze anos que nos reunimos para melhor vivermos e difundirmos a Mensagem de Fátima, não, apenas, numa campanha temporária, mas numa atitude de vigília permanente, numa oferta total da nossa vida.

Confrangia-nos, então, o quase voluntário esquecimento a que fora votada a mesma Mensagem; continuava-se «a viver» como se a Senhora não tivesse vindo até nós, numa bênção maravilhosa de paz e perdão, mas, também, num apelo angustioso.

Contudo nós queríamos viver a Mensagem e queríamos que os outros também a vivessem, ou seja, queríamos a realização do Evangelho, da Boa-Nova pregada havia quase dois mil anos e que a Senhora viera recordar.

Para isso, pusemos ao serviço da Mãe Imaculada, «a nossa vida inteira», entregámos-Lhe todas as nossas aspirações e desejos, prontas a «servir», aqui ou além, em qualquer profissão, realizando esta ou aquela vocação.

— Mas temos nós vivido os compromissos assumidos ao consagrarmos-nos ao Imaculado Coração de Maria?

— Guardamos e defendemos, com ciúme santo, a graça baptismal?

— Participamos, diàriamente ou, pelo menos, frequentemente, da Santa-Missa pela Sagrada comunhão, de modo a sermos como Maria, sacrários vivos do Espírito Santo?

— Seguimos, sempre, sobretudo no vestir e nos passatempos, as regras do pudor e da decadência cristã?

— Tornamos a nossa vida, uma vida de reparação pelos nossos pecados e pelos pecados dos outros, em especial, por meio da recitação e meditação diária dos quinze mistérios do Rosário?

— Pomo-nos à disposição da Santa-Igreja para trabalhar, generosamente, segundo as condições de vida e a santíssima vontade de Deus?

— Difundimos o nosso Movimento, a fim de atrair ao Imaculado Coração de Maria, o maior número de almas possível?

Ou, pelo nosso comodismo e egoísmo, pela falta de caridade e indiferença pela santificação da nossa alma e da do próximo somos responsáveis e colaboradores do mar do pecado e sofrimento que assola o mundo?

— Cremos, de verdade, adoramos, temos esperança e amamos o Senhor?

— Pedimos perdão por nós e pelos que não crêem, não adoram, não esperam e não amam?

— Erguemo-nos, quando caímos, e procuramos ajudar os outros a erguerem-se?

— Ou só servimos para nos atolhar e arrastar os outros para a lama?

— Oferecemo-nos, realmente, a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-nos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores, de todos nós pecadores?

Ou somos, apenas, «sepulcros caiados de branco», almas túbias que causam o vômito de Deus?

Se temos estado a «dormir» acordemos. A hora é de «alerta». Examinemos, realmente, abertamente, a nossa consciência:

Sim? Não?

Tiremos a máscara ou, então, peguemos no nosso Rosário, rezando fielmente, humildemente e cónfiadamente pelo triunfo da Paz de Cristo na terra, prometida pela Senhora.

Punhamos a seus pés a coroa de orações, de sacrifícios e de amor que Ela veio pedir para salvação do mundo e desagravo dos Corações Santíssimos de Jesus e de Maria.

Quer inscrever-se no nosso Movimento?

QUER viver no aconchego maternal do Coração Imaculado de Maria?

Quer dar uma resposta ao pedido de Nossa Senhora em Fátima quando disse: «Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração»?...

Pois bem, inscreva-se no **«Movimento dos apóstolos e apóstolas do Coração Imaculado de Maria para a difusão da mensagem de Fátima»**.

Este movimento pretende, numa organização toda espiritual, sem bandeira nem distintivo, congregar e unir à volta do Coração vivo e glorioso da Mãe de Deus e Rainha do céu todas as almas de boa vontade que sonham com o ideal de pôr a vida ao Seu serviço, consagrando-se por inteiro a Ela, em resposta à mensagem de Fátima, a fim de melhor servir a Santa Igreja, cada um conforme a sua condição e vida.

Quem enfileira neste movimento compromete-se a:

- 1) Consagrar-se totalmente ao Imaculado Coração de Maria e levar os outros a fazer o mesmo.
- 2) Guardar e defender com ciúme santo a graça baptismal, alimentando-a frequentemente com os sacramentos de modo a ser, como Maria, sacrário vivo do Espírito Santo.

3) Lutar até ao martírio pela pureza de corpo e de alma, em si e nos outros, e seguindo sempre, sobretudo no vestir e nos passatempos, as regras do pudor e da decência cristã.

4) Encher a vida de oração reparadora, em particular por meio dos 15 mistérios do Rosário, diària-mente recitados e meditados.

5) Dar-se a toda a sorte de apostolado dentro das condições de vida e segundo a manifestação da santíssima Vontade de Deus à própria consciência.

6) Difundir o movimento e atrair a ele o maior número de almas possível.

7) Assinar a revista do movimento: **«Ao serviço da Rainha do mundo»**.

Este movimento está mais que aprovado pela Hierarquia como sendo um dos mais preciosos e eficazes auxiliares da A. C. e a «resposta mais adequada à mensagem de Fátima». É tido ainda como uma das melhores formas de «realizar eficazmente a campanha da pureza» tão pedida e recomendada pela Santa Sé.

...Peça informações aos Secretários do Movimento.



Qual é precisamente a mensagem de Fátima?...

Creio que poderia resumir-se nestes termos: a revelação do Imaculado Coração de Maria ao mundo actual.

(Palavras de S. Eminência o Senhor Cardeal Patriarca)